



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

ASSUMIR-SE: O FALAR DE SI DE MULHERES LÉSBICAS

Maria Giulia Lima Carlessi
mariagiuliacarlessi@gmail.com
Marcos Alexandre Gomes Nalli
marcosnalli@yahoo.com

Universidade Estadual de Londrina

Resumo

O presente trabalho pretende discutir a assunção da lesbiandade por mulheres em idade adulta, entendo o processo de assumir-se a partir do referencial teórico de Michel Foucault e Judith Butler, visando compreendê-lo de forma crítica e genealógica pois, ao fazê-lo, questiona noções naturalizadas acerca do tema sendo o assumir-se para além de uma “revelação” e encontro com a verdade interna do sujeito, mas também um movimento de falar de si instigado pela vontade de verdade, podendo assumir contornos de violência ética em sua exigência identitária. Pretende questionar a condição lésbica quanto performance e tomada de consciência de si em um processo que não possui temporalidade definida, possível de compreender pelas histórias dessas mulheres. Apresenta uma breve análise de uma proposição de uma entrevista realizada com uma delas a partir do referencial descrito.

Palavras-chave: Assunção; Lesbiandade; Foucault; Butler.

Introdução

Esse trabalho surge de uma indagação frente a sexualidade humana: Se a sexualidade é definida em algum momento da vida - comumente nos discursos populares na infância (seja por herança psicanalítica, seja pela teoria das ciências genéticas), como irrompem tantas histórias de pessoas que redefiniram ou somente abriram as possibilidades de sua orientação sexual de maneira diferente da qual seguia sua trajetória até ali? A sexualidade apresenta-se em sua mutabilidade, os devires e estilizações possíveis do desejo escapando, como pode, das exigências, conceituações e nomeações de uma sociedade que marca e é marcada por identidades - os discursos e a performances devidamente delineadas a partir de diferentes dispositivos vigentes. Essa pesquisa busca compreender o processo vivido por mulheres que, na idade adulta, assumem-se lésbicas. Tem como objetivo



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

questionar esses pretensos *locus* comuns e generalizados da sociedade contemporânea: Mulheres, adultas e lésbicas. O que isso significa afinal? Quais são as trajetórias de suas constituições, seus agrupamentos e destruições, reinvenções, afetos e desejos?

Para esse trabalho, será feita uma análise preliminar a partir do recorte de uma das entrevistas, a partir da proposta metodológica apresentada abaixo.

Procedimentos metodológicos

Consiste em pesquisa descritivo-qualitativa baseada na proposta genealógica de Foucault (1995) e objetiva na busca e análise dos dispositivos envolvidos na produção de categorias identitárias envolvendo os discursos, as relações de poder, as regulamentações de práticas e os processos de subjetivação relatados a partir da narrativa das mulheres participantes dessa pesquisa. Conta com a fundamentação teórica dos autores supracitados Michel Foucault e Judith Butler, e também de materiais publicados em revistas, dissertações, teses e periódicos sobre a temática.

Para a análise, foram realizadas entrevistas semidirigidas com três mulheres lésbicas que se assumiram em idade adulta, sendo esse o critério de inclusão para a participação. Não foi levado em consideração idade, classe, raça, escolaridade ou estado civil. As entrevistas foram realizadas em locais, datas e horários definidos pelas participantes e tiveram em média 50 minutos. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética com Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina sob o parecer de número 2.638.915.

Resultados e Discussão

Em 1984, Foucault publica o livro *História da Sexualidade* onde apresenta a teoria de que, ao contrário do que comumente dizia-se, a sexualidade não fora reprimida ao longo da história, mas sim, incentivada e estimulada, a partir de um poder que não atua exclusivamente pela via da repressão, mas utiliza também da positividade, da construção e estimulação dos discursos e dos saberes, construindo uma rede complexa de relações de força, de dispositivos sobre as coisas e sujeitos. E não fora diferente com a sexualidade:



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado. (Foucault, 2017, p.20)

O desenvolvimento da *scientia sexualis* - essa captura da sexualidade pela ciência moderna descrita por Foucault (2017) que analisa como o sexo é construído como objeto de estudo suscetível a testagem, parametrização e teorização, atualizando práticas como a confissão medieval: É preciso falar sobre o sexo e é preciso que as pessoas falem de seu sexo para que se produzam as verdades sobre ele, suas normatizações e, também, suas exclusões. O médico, o psicólogo e o psicanalista instigam a confissão, agora atualizada de “fazer falar”: Quando o paciente/objeto de estudo fala, tem para si a sensação de libertação, o alívio da confissão e assunção; do outro lado, o cientista abastece suas planilhas, o material necessários para a produção científica do normal e do patológico e, conseqüentemente, o diagnóstico daquele que confessa perante a ele, é esse o ponto de encontro entre a ciência moderna ocidental e a tradição jurídico-religiosa da confissão constituinte da proliferação dos discursos e da produção de verdades acerca do sexo (Foucault, 2017). No esquadramento da sexualidade, encontram-se as espécies perversas e doentias que, se em um primeiro momento foram condenadas ao isolamento e silêncio, agora chamam atenção e ganham destaque por sua “natureza singular”, são intensamente estudados, tipificados e delineados por suas particularidades exóticas e eternamente definidoras de sua não-conformidade: o sujeito marcado em sua realidade, seu corpo e seu prazer (Foucault, 2017). Assim, o movimento de assunção, como a *scientia sexualis*, são fomentados pela vontade de verdade: Fala-se daquela que detém a verdade discursiva, assim como a assunção de uma orientação sexual talvez não seja um movimento de libertação de si pura e simplesmente, mas uma nova captura dessa vontade de verdade, incitada pelo falar de si indiscriminado e, por vezes, violento.

Nesse sentido, o conceito de performance e performatividade apresentado por Judith Butler, possui a potência para a destruição de hegemonias discursivas ocidentais - falocentrismos e heterossexualidades compulsórias, por exemplo - a



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

partir da negação de uma gênese do gênero ou de uma essência universal natural feminina/ masculina ou binarismos naturais da sexualidade hétero/homossexual. Butler (2003) propõe a investigação das categorias de identidade como efeitos de discursos e práticas, e critica as construções “artificialmente naturais” destas, que excluem os sujeitos que nelas não se enquadram. A performatividade amalgama discurso e corpo, pois que o corpo é discurso vivo e discurso é materialidade, assim, conforme Butler (2002, p.163) “ninguém pode sobreviver sem, de alguma forma, ser carregado pelo discurso. Então, não quero afirmar que haja uma construção discursiva de um lado e um corpo vivido de outro.”. Assim, esses que estão fora das categorias identitárias vivem um processo de abjeção: a exclusão discursiva os desmaterializam e sua vida não é mais uma vida humana, é uma vida menos.

Durante a entrevista, a participante Clarice (nome fictício) apresenta sua visão sobre o que é “se assumir” e coloca que acredita que se trata de um processo de composição de si que nunca termina pois a cada novo contato, nova pessoa, nova situação é preciso fazer uma apresentação de si mesma como um mulher lésbica, em um interminável assumir-se. Esse processo de constituir-se e assumir-se condiz com o que Butler (2003) nomeou atos performativos - a linguagem, mais do que meramente descrever e nomear os sujeitos os constituem dentro do campo discursivo que é campo de saber-poder. Porém é preciso conceber a performatividade a partir da repetição da performance, pois, é a partir da repetição dos atos performativos que se legitima e estabelece as relações de poder que perpassam o gênero e a sexualidade, quanto é a via possível para que se subverta.

Como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero requer uma performance repetida. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. Embora existam corpos individuais que encenam essas significações estilizando-se em forma do gênero, essa “ação” é uma ação pública. Essas ações tem dimensões temporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter consequência(...). (Butler, 2003, p. 200)

A repetição não é de ordem maquínica, simples reprodução, mas o repetir da performance é inventivo, no processo de compor-se e narra-se, de assumir-se a



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

cada novo encontro, ainda que as inovações se pintem mínimas e imperceptíveis para quem participa ou quem assiste a performance, e estão entrelaçados em uma longa e repetida trama performativa na qual atravessam diversos dispositivos de saber e poder para sua manutenção, como apresenta Foucault ao delinear, a partir da biopolítica, o esquadramento e normatização da vida e dos corpos.

Conclusões

A partir de um pequeno relato de uma das entrevistas, foi possível conceber o processo de assunção da lesbianidade quanto um ato performativo – a cada novo encontro é preciso compor-se sujeito e narrar a si mesma uma vez mais, pois que o repetir performático não se encerra na mera reprodução de um estado anterior mas no compor diferentemente aquilo que repete, em um processo interminável de tomar consciência de si a cada nova relação. A performatividade abre campo para se pensar a subjetivação quanto composição e tomada de consciência de si frente as relações de poder postas em uma sociedade contemporânea ocidental permeada pela vontade de verdade e propagadora de identidades – tanto para o controle social quanto para o acalanto das pessoas que, encontram no falar de si ao outro encontra certa sensação de liberdade que, pode ser, outra captura identitária e não o compor livre de si.

Referências

- Butler, J. (2002). *Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler*. Revista Estudos Feministas, 10 (1), 155-167.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- Foucault, M. (2017) *História da Sexualidade I: A vontade de saber* (5ª ed.). São Paulo: Paz e Terra.